

UM ESTUDO SOBRE A SENSIBILIDADE MATERNA NA INTERAÇÃO MÃE-CRIANÇA COM NECESSIDADES ESPECIAIS

A STUDY ON MATERNAL SENSITIVITY IN THE INTERACTION BETWEEN MOTHER AND CHILD WITH SPECIAL NEEDS

UN ESTUDIO SOBRE LA SENSIBILIDAD MATERNA EN LA INTERACCIÓN ENTRE MADRE E HIJO CON NECESIDADES ESPECIALES

Lusirose Lima da Silveira
lusirose@gmail.com

Ilka Dias Bichara

RESUMO

Este estudo visou investigar a interação entre mãe-criança com síndrome de Down (SD), com ênfase em um aspecto específico desta relação, que é a sensibilidade materna. Por meio de uma gravação em vídeo, foi observada a interação entre 6 díades mãe-criança com SD, em situação de brincadeira estruturada. Foram realizadas 3 sessões de 10 minutos de observação, com cada díade. Também foram aplicados questionários para obtenção de dados sociodemográficos. As mães participantes do estudo têm idade entre 25 e 46 anos, com grau de escolaridade entre o ensino fundamental incompleto e o ensino médio completo. As crianças têm faixa etária entre 2 e 4 anos, de ambos os sexos e estavam matriculadas na escola especializada da APAE/Salvador. Os resultados revelam que as mães foram mais diretivas com filhos que com filhas e que essa diretividade, assim como a intrusividade, apresenta matizes que podem indicar estilos de comportamento diferenciados.

Palavras-chave: Interação mãe-criança. Sensibilidade materna. Diretividade materna.

ABSTRACT

This study was developed to investigate and exploit the mother-child interactivity in Down Syndrome cases, bringing into focus a specific aspect of this relationship: mother sensitive. In order to obtain the necessary information, video recordings were made, in structured playful situations, of 6 Down Syndrome mother-child pairs. Three ten-minute observation sessions were made with each pair. Questionnaires were also applied to obtain social and demographic data. The mothers taking part in this study are between the ages of 25 and 46 and their level of schooling varies from incomplete basic to complete intermediate. The children are between the ages of 02 and 04, male and female, and enrolled in APAE special school. The results showed that mother directiveness is more evident with boys than girls and this aspect, directiveness, either the intrusivity, presents diferents styles of mother behavior.

Key words: Mother-child interactivity. Mother sensitive. Mother directiveness.

RESUMEN

El objetivo de este estudio es investigar la interacción entre madre-hijo con síndrome de Down (DS), con énfasis en un aspecto específico de esta relación, que es la sensibilidad materna. Por medio de una grabación en vídeo, se aprecia la interacción entre 6 díadas madre-hijo con SD, en situación de juego libre estructurado. Fueron realizadas 3 sesiones, de 10 minutos de observación, con cada díada. También se aplicaron cuestionarios a fin de obtener datos sociodemográficos. Las madres que participan del estudio tienen edades comprendidas entre 25 y 46 años, con grado de escolaridad entre la escuela primaria incompleta y escuela media completa. Los niños se encuentran entre las edades de 2 y 4 años de edad, de ambos sexos y estaban matriculados en la escuela especializada de la APAE/Salvador. Los resultados muestran que las madres fueron más directivas con los hijos que con las hijas, y que esta directividad, así como la intrusividad, presenta matices que pueden indicar estilos de comportamiento diferenciados.

Palabras-clave: Interacción madre-hijo. Sensibilidad materna. Directividad materna.

INTRODUÇÃO

Desde meados do século XX, quando Bowlby (1998) demonstrou a importância do vínculo materno no desenvolvimento de bebês, muitos estudos foram desenvolvidos visando o esclarecimento das particularidades envolvidas nesta relação. Contudo, foram poucas as pesquisas que se dedicaram em investigar essa relação em crianças mais velhas e, principalmente, com crianças portadoras de algum grau de deficiência.

Nos estudos desenvolvidos, um dos focos prevalentes tem sido o de buscar e evidenciar o papel da mãe nessa interação. Assim, atributos como responsividade e/ou sensibilidade passaram a ser centrais e têm sido definidos de diferentes formas a partir de referenciais teóricos distintos.

Siedl de Moura e Ribas (2001) referem-se a não existência de um consenso em relação à definição de termos como sensibilidade e interação, mas salientam que, aspectos como bidirecionalidade, ação recíproca e co-construção são considerados integrantes do significado da sensibilidade e da interação.

No que se refere à sensibilidade, na visão de Ribas et al. (2003), vários são os enfoques-encontrados, sendo os mais adotados: o psicobiológico; os direcionados à teoria do apego; e os que investigam a sensibilidade materna ou responsividade associada ao desenvolvimento e desvios do comportamento infantil, como em crianças em situação de risco, visando à prevenção em relação a tais aspectos da criança.

Outra visão aponta que a sensibilidade materna pode ser apropriada, incluindo o envolvimento materno na interação com a criança, mas não necessariamente contingente; ou seja, a mãe pode não responder imediatamente ao sinal da criança. E por outro lado, pode ser que a resposta materna seja contingente, imediata ao sinal criança, mas não haja o envolvimento de aspectos afetivos durante a resposta. Estas colocações suscitam um questionamento sobre a dependência ou não entre os aspectos de adequação da resposta materna (incluindo envolvimento afetivo, como dar o colo e afagar a criança que chora) e temporal (contingência da resposta materna).

Nestes estudos, além de se levar em consideração as características do comportamento materno, considera-se também como relevante o tipo de comportamento emitido pela criança para o qual a mãe se dirige. Entretanto, observa-se que a concepção prevalente sobre quais características são mais consideradas, repousa sobre a concepção de que a sensibilidade está diretamente ligada ao comportamento parental.

Apesar de tal concepção prevalente, outras abordagens e enfoques diversificados sobre o desenvolvimento consideram o conceito de sensibilidade materna dentro de uma visão mais ampla, podendo ser compreendido como derivado da interação interpessoal, alcançando assim um caráter intrapessoal e multidimensional.

Assim, pode-se entender a sensibilidade como constituída por variáveis pessoais de ambos, da mãe e da criança; e variáveis intrapessoais que dizem respeito às sequências de comportamentos da díade, uma contingência mútua, tomando-se por base a ação do outro, ou seja, um sistema interpessoal no qual as ações de um parceiro são decorrentes da ação prévia do outro.

Embora o termo utilizado seja sensibilidade materna, trata-se na verdade do conceito de sensibilidade interpessoal, pois o que está sendo levado em consideração é a interação entre os sujeitos da díade (mãe-criança). Logo, dentro desse escopo, focaliza-se a sensibilidade a partir da ação de um membro da díade, a qual é dependente da ação da outra pessoa com a qual está interagindo de modo apropriado em relação ao tempo e ao conteúdo adequado da resposta.

Apesar dos termos sensibilidade e responsividade serem abordados como quase idênticos, o termo sensibilidade é apontado como possuidor de um caráter mais amplo que o segundo, pois se refere às diferenças individuais dos pais e às características específicas da criança (ex: temperamento); não sendo, portanto, um atributo exclusivo da mãe ou cuidador. Assim, a definição de sensibilidade materna é mais adequada para o estudo aqui apresentado, que visa observar o envolvimento materno durante a interação com a sua criança.

A especificidade

Quando essa interação envolve uma criança com algum tipo de deficiência em seu desenvolvimento, esse processo pode ser alterado. Para Meiado (1998), por exemplo, a forma como a deficiência mental se configura, leve ou mais severa, e as expectativas que a cercam, podem influir diretamente sobre o vínculo da mãe com o filho com deficiência.

Assim, certas características da criança podem interferir no início do apego e na própria natureza da relação para o estabelecimento do vínculo, pois segundo Meiado (1998), a família geralmente recebe informações parciais e distorcidas, centradas principalmente nas dificuldades psicomotoras decorrentes da deficiência. A percepção inicial de dependência total do bebê gera nas mães sentimentos ambivalentes de amor/ódio, aceitação/rejeição, fazendo com que busquem razões para o fato de serem mães de uma criança com deficiência.

Esta autora considera que, somente após os primeiros meses de vida do bebê, quando ele já demonstra possibilidade de enviar sinais de suas capacidades sensoriais e cognitivas, é que a mãe mostra-se mais afetiva, tornando-se mais carinhosa e contente com a criança. Somente quando a mãe percebe que o seu bebê pode se tornar mais ativo e capaz, desfaz-se o “choque” inicial e desenvolve-se um melhor vínculo afetivo.

A partir daí alguns estudos têm mostrado que mães de criança com deficiência usam mais comportamentos interativos do que mães de criança com desenvolvimento global normal, de idade comparável. No entanto, comentam que as observações e estudos realizados sobre as relações entre pais e criança com deficiência mental, na etapa pré-escolar, indicam uma alta probabilidade de que as interações diminuam, devido às dificuldades de resposta da criança com necessidades especiais (Jamielson, 1994 citado por Brito e Dessen, 1999).

Em outro estudo, Fischer (1987) observou que as tentativas de interação social das crianças com SD foram menos espontâneas, sendo que a maior parte dos sinais de comunicação apresentados por essas crianças foi eliciada a partir da ação materna. Esse autor também observou que em interações entre mães e crianças com necessidades especiais, e um grupo controle de mães e crianças normais, as mães tentam ajustar sua fala de acordo com o desenvolvimento linguístico da criança, e, portanto, são as características da criança que provocam certas mudanças na fala materna. Foi constatado que apesar de as crianças com Síndrome de Down serem menos responsivas, as mães responderam imediatamente aos seus sinais de comunicação com uma frequência maior do que as mães do grupo controle.

É importante frisar que os estudos realizados sobre interação mãe-filho e desenvolvimento linguístico têm mostrado que existem padrões de estilo de fala materna que são característicos, dependendo da idade da criança, de sua capacidade cognitiva e de seu desenvolvimento linguístico, e que há, portanto, diferença entre os estilos de fala da mãe em relação à criança com desenvolvimento normal e à criança com necessidades especiais (Salomão, 2005). Essas diferenças podem estar relacionadas ao fato de que, nas crianças atípicas, as habilidades cognitivas e as capacidades linguísticas estão menos desenvolvidas do que nas crianças com desenvolvimento normal.

Entretanto, há controvérsias entre os resultados encontrados sobre interações mães-crianças atípicas, pois alguns autores, a exemplo de Chaprcar (1997), alegam que a fala dirigida a crianças atípicas é mais diretiva e menos contextualizada semanticamente do que a fala dirigida pelas mães às crianças com desenvolvimento normal. Por outro lado, Salomão (1996) afirma que as mães tentam ajustar sua fala de acordo com o desenvolvimento linguístico da criança e, portanto, são as características da criança que promovem certas alterações na fala materna, assim como também apontou Fischer (1987), em parágrafo anterior.

Goldberg (1987) também destaca esse ajuste quando comparadas as interações verbais e não verbais entre dez mães e seus filhos com SD e dez mães e seus filhos com desenvolvimento normal. Este estudo revelou que as mães de ambos os grupos responderam com uma complexidade linguística apropriada às solicitações dos filhos e que

tais resultados refletiram ajustes previsíveis na fala que os adultos, fazem conforme percebem a competência da criança.

Esses ajustes também foram observados em relação às expressões afetivas. Em um estudo (Chicchetti e Sroufe 1976; apud Salomão, 1985) visando investigar a relação entre o desenvolvimento afetivo e cognitivo em crianças com SD, foi constatado que essas crianças tinham reações afetivas pouco expressivas, ou seja, elas apenas sorriam a estímulos que eliciavam gargalhadas em bebês normais e raramente choravam ou demonstravam medo frente a eventos indutores desse tipo de emoção. Segundo os autores, tais resultados sugerem que crianças com SD apresentam déficits básicos ao reagirem a eventos ambientais, o que pode levar as mães a se acomodarem aos baixos níveis de excitabilidade dos filhos, gerando um contexto menos estimulador durante a interação.

Independente dos déficits da criança e das características da mãe, há uma interação dinâmica entre as díades mãe-criança especial que precisa ser melhor investigada (Salomão, 1985; Sigolo, 1986). Uma das linhas de investigação compara as particularidades dessa interação com aquelas protagonizadas por crianças com desenvolvimento esperado.

Num desses estudos, Salomão (1985) encontrou as seguintes diferenças: 1) a criança com desenvolvimento “normal” alcança, na interação, níveis elevados de iniciativas de contato, emitindo mais frequentemente movimentos corporais; 2) as mães de crianças com SD fornecem mais auxílio a seus filhos, ou seja, são mais diretivas, utilizando-se mais de ordens e mostrando mais objetos, exigindo, por outro lado, menos vocalizações; 3) as mães de crianças com desenvolvimento “normal” apresentam maior número de questionamento no contato com seus filhos, enquanto mães de crianças com deficiências apresentam mais instruções, aumentando a frequência de verbalizações das crianças do primeiro grupo; 4) as consequências fornecidas pela mãe em termos de aprovação, desaprovação e correção são mais frequentes nas mães de crianças com deficiência, o que se opõe aos estudos que geralmente apontam estas mães como menos responsivas; 5) a mãe adequa o seu comportamento às qualidades do desenvolvimento do filho, estabelecendo, assim, maneiras de proceder e interagir de acordo com as características da criança; 6) a qualidade da interação pode estar ligada ao contexto da atividade ou tarefa.

Sigolo (1986), ao analisar a adequação e inadequação de comportamentos apresentados pela mãe e pela criança na interação, observou que, em determinados episódios interativos, existiu uma tendência nas crianças de iniciar interação por meio de comportamentos adequados (como por exemplo, se utilizar corretamente de um objeto para se alimentar ao invés de usá-lo para tentar escrever), passando as mães a serem, essencialmente, positivas na sua reação a tais comportamentos e impeditivas para os comportamentos inadequados da criança.

Em outro estudo desenvolvido por Colnago (1991), entre mãe-criança com SD, a análise quantitativa da interação de três díades mãe-bebê com SD, mostrou que houve uma

significativa troca de estímulos entre os pares, seguidos de uma elevada frequência de respostas adequadas, sendo a situação de banho a que apresentou maior índice de expressão de afeto e disposição das mães. A análise qualitativa demonstrou grande variação de comportamentos entre as díades; independente da tarefa executada, as mães apresentaram padrões de interação que se diferenciavam em função da situação na qual eram participantes.

Logo, Sigolo (1986) e Colnago (1991) concluíram em seus estudos que os padrões de interação das díades sofrem influências do tipo de situação vivenciada, isto é, a qualidade da interação parece estar ligada ao contexto da atividade ou tarefa executada.

As investigações acima referidas apontaram para diferenças na interação de mães de criança com deficiência e com a criança com desenvolvimento normal, quer seja pelo fato da mãe não reconhecer na criança seu potencial de desenvolvimento e, assim, limitar suas iniciativas de interação, passando a ser mais diretiva e controladora, quer seja devido ao fato de passar por uma experiência de desajuste emocional com a notícia do nascimento de um filho deficiente que, na maioria das vezes, é voltada para as limitações, sem se levar em consideração às potencialidades da criança, o que não favorece as trocas iniciais entre a mãe e o filho.

Em que pese à existência de algumas divergências, há dados consistentes no que tange, principalmente, a uma maior diretividade das mães de crianças com deficiência mental em comparação com as mães de crianças com desenvolvimento normal (Landry et al., 1994). Segundo estes autores, as diferenças entre os comportamentos interativos das crianças com SD e crianças com DN estão relacionadas às demandas do contexto social, ao grupo de risco e à baixa habilidade de linguagem expressiva das crianças. De acordo com esses autores, as mães de crianças com SD são, também, significativamente mais intrusivas que as mães de crianças com DN.

Apesar desta intrusividade e diretividade, os resultados do estudo de Cielinski, Hagekull, Bohein, Person e Sedin (1995) indicam não ter havido diferenças significativas entre os dois grupos de crianças, em se tratando da situação de brincadeira.

Também, segundo Roach et al. (1998), a alta frequência do comportamento diretivo das mães não parece ter sido suficiente para impedir que crianças com SD e as crianças com DN brincassem com objetos, não exercendo efeitos prejudiciais sobre a qualidade da brincadeira e sobre a vocalização das crianças com SD nesta situação específica.

Nas associações entre gênero da criança com DM e a diretividade da mãe, o estudo de Cielinski et al. (1995) indicou que as mães de meninas com SD tendiam a ser mais diretivas que mães de meninas com DN, enquanto que mães de meninos com DN mostraram-se mais diretivas que mães de meninas do mesmo grupo. No estudo de Roach et al. (1998), as mães de crianças com SD foram mais diretivas com suas filhas do que com seus filhos, sugerindo

que a interação entre a mãe e a filha, em geral, é caracterizada por um maior controle materno que as interações entre mãe e filho.

Apesar de haver uma maior diretividade materna durante as interações mãe-criança com DM, há também uma adequação dos comportamentos exibidos entre parceiros durante os episódios interativos, isto é, a criança atende e responde ao comportamento de sua mãe e vice-versa, o que sugere uma adaptação mútua entre os comportamentos de ambas (Cielinski et al., 1995). Além disso, as mães destas crianças exibiram, significativamente, altas frequências de elogio quando comparadas às mães de crianças com DN, sugerindo que as adaptações destas mães às suas crianças pequenas com SD foram adequadas.

Porém, muito ainda há a investigar, pois a incerteza desses resultados serve para conduzir à produção de mais estudos nesta área. Principalmente, se considerarmos o contexto como uma variável que afeta as interações entre mãe-criança com SD, torna-se relevante à investigação em contextos brasileiros diferenciados, principalmente aqueles indicadores de uma condição de vida permeada por dificuldades de sustento dos filhos, educação, assistência à saúde, etc. Portanto, investigar a interação entre mães e crianças com SD pertencentes a estratos sócio-econômicos baixos, na cidade de Salvador, pode evidenciar aspectos sutis dessa relação não revelados por estudos desenvolvidos em outros países ou em outras regiões do Brasil.

Sendo assim, o objetivo do trabalho apresentado neste artigo é investigar os comportamentos de mães em interação com seus filhos, portadores da Síndrome de Down, procurando caracterizar estes comportamentos tanto em relação à sensibilidade em responder aos sinais da criança, quanto em relação às iniciativas maternas visando a estimulação ou a antecipação das ações das crianças. Além disso, se procurará identificar se existem padrões de comportamento considerados como diretivos e de que maneira a diretividade materna interfere na interação da díade. Desse modo, foca-se o olhar sobre o comportamento da mãe como uma opção metodológica.

Método

Seis díades mãe-criança com Síndrome de Down, com nível sócio-econômico baixo, residentes em bairros da periferia da cidade de Salvador-Bahia e vinculadas à APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) de Salvador.

Procedimentos

Os dados foram coletados através de duas estratégias. A primeira foi a aplicação de um questionário junto às mães para obtenção de dados sócio-demográficos como: nível sócio-econômico, estado civil, escolaridade, renda familiar, assim como dados da história familiar da criança. Os 06 questionários foram aplicados pela pesquisadora, individualmente com cada mãe. A segunda constituiu de 24 sessões de observação (quatro com cada díade) em situação de brincadeira estruturada através de filmagem em vídeo-tape.

A situação de brincadeira foi escolhida por representar um instrumento valioso para estudar os vários aspectos do processo de desenvolvimento e socialização do comportamento da criança em interação com outros. Como já foi mencionado anteriormente, a criança apresenta capacidades desde os meses iniciais do seu desenvolvimento para interagir com as pessoas e perceber o ambiente a sua volta, buscando proximidade e o estabelecimento de vínculos; pois na visão de Bichara (1994) a brincadeira surge e pode ser desenvolvida dentro deste contexto, como facilitadora da aproximação com as pessoas, na formação dos vínculos que favorecem a sua socialização e percepção do mundo do qual fazem parte. Os jogos, brinquedos de montar e os que favorecem o faz-de-conta são propiciadores de oportunidades para as interações variadas. Procurou-se escolher brinquedos que fossem propiciadores dessas oportunidades e ao mesmo tempo de operacionalização adequada à faixa etária e ao nível de desenvolvimento cognitivo e motor das crianças participantes do estudo.

As observações das díades foram realizadas em ambiente fechado, em uma sala de atendimento psicológico, que possui espaço físico (medindo 12,42 m²), acústico e iluminação adequada. A filmagem foi realizada pela pesquisadora que no início da atividade dava instruções gerais para o manuseio de cada brinquedo e se posicionava parada com a filmadora nas mãos, no mesmo ambiente que a díade, à distância de 1,50m na posição diagonal. Durante os episódios de interação a pesquisadora teve apenas uma postura de observação, não sendo encorajada nenhuma interação verbal ou comportamental com ela. Antes do início de cada sessão eram fornecidas verbalmente instruções às mães de que deveriam brincar com seus filhos. Foi solicitada a mãe que agisse livremente com o seu filho ou filha, como fazia normalmente quando estavam brincando juntos. Sendo enfatizado, que o objetivo do estudo era o de observar como elas brincavam com os seus filhos.

Foram utilizados 3 brinquedos diferentes que implicavam em desafios diferentes e maior oportunidade para interação:

1. Brinquedo de encaixe, composto por 06 figuras de animais selvagens (ex: leão, girafa, etc.) em madeira, que devem ser encaixadas nos seus respectivos lugares. Próprio para a faixa etária a partir de 02 anos.
2. Mesinha com martelo em material plástico, para encaixar 08 diferentes formas geométricas coloridas, com o auxílio do martelo, nos espaços

adequados que se encontram na mesa. Indicado para a faixa etária a partir dos 02 anos. 3. Lego. Brinquedo colorido de montar, contendo figuras de diferentes formatos, que possibilitam a montagem de diferentes objetos, como carrinhos, bonecos, etc., indicados para criança a partir dos 02 anos de idade.

Cada díade foi observada em 04 sessões de 10 (dez) minutos, sendo 3, 5 minutos para cada brinquedo, em dias alternados.

Análise e tratamento dos dados

Em seguida as fitas foram transcritas para posterior análise. Considerou-se a primeira sessão de 10 minutos como período de habituação e por essa razão os dados referentes a esse período foram desprezados. Todos os comportamentos das mães emitidos nas 3 sessões subsequentes foram transcritos em protocolo especialmente planejado para esse fim, que possibilitou o registro dos comportamentos maternos em 10 intervalos de 1 minuto para cada sessão de observação, identificados e codificados utilizando-se para tal as categorias Descritivas de Comportamentos da Mãe sistematizadas por Sigolo e Biasoli-Alves (1998:87-118). Essas categorias foram computadas em termos de frequência para cada mãe e dispostas em uma tabela para posterior análise.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a transcrição das fitas, foram destacados todos os comportamentos interativos da mãe com a criança. Para auxiliar a compreensão dos mesmos, eles foram organizados utilizando-se uma adaptação do “Sistema de Categorias Descritivas do Comportamento da Mãe” proposto por Sigolo e Biasoli-Alves (1998:87-118). Das categorias propostas selecionaram-se aquelas que tinham ocorrência de pelo menos uma vez e acrescentaram-se 6 outras identificadas e descritas pelas autoras: **Mãe brinca sozinha; Mãe observa criança realizar tarefa; Mãe dá ordem para criança; Mãe conversa com o observador; Mãe chama a criança pelo nome ou apelido e Mãe sorri para a criança.**

Em seguida, considerou-se que seria interessante agrupar essas categorias conforme o tipo de ação da mãe em três grupos de comportamentos, sendo eles: verbais, motores e de alto envolvimento materno, sendo estes últimos os comportamentos verbais e os motores simultaneamente emitidos, tendo sido destacados por suas peculiaridades presentes durante a interação mãe-criança com SD. Foram incluídos também os comportamentos que foram considerados como não responsivos para efeito de comparação

*UM ESTUDO SOBRE A SENSIBILIDADE MATERNA NA INTERAÇÃO MÃE-CRIANÇA COM
NECESSIDADES ESPECIAIS*

com os comportamentos maternos considerados como de envolvimento materno e de interação.

As frequências encontradas para cada categoria, por cada mãe em cada um dos três grupos de comportamentos, estão dispostas na Tabela 1. Para facilitar a visualização dos resultados, as maiores frequências foram destacadas em negrito.

Tabela 1 - Frequências de atividades de categorias de envolvimento materno

Categorias de envolvimento materno	Frequências					
	Mãe 1	Mãe 2	Mãe 3	Mãe 4	Mãe 5	Mãe 6
1.1.Prepara situação	21	22	16	19	13	19
1.2.Coloca na situação	05	04	08	01	00	10
1.3.Executa pela criança	09	12	03	07	17	11
1.4. Executa junto	18	08	14	19	43	24
1.5.Incentiva interromper perturbação	00	01	00	08	01	00
1.6. Propicia condição	56	121	51	47	37	24
1.7. Ensina criança	06	10	12	36	45	10
1.8. Atende pedido	03	01	00	11	00	05
1.9.Nega pedido	01	00	00	01	04	00
1.10.Interrompe perturbação	00	03	00	06	08	01
1.11.Encerra tarefa	01	02	00	01	01	01
1.12.Brinca sozinha	24	13	04	25	04	25
1.13.Observa criança	09	24	03	46	01	13
1.14.Reinstala situação	01	03	00	02	04	00
Total parcial/motor	154	224	111	229	178	143
2.1.Dá ordem	41	34	96	60	156	94
2.2.Produz verbalização	26	06	16	57	25	41
2.3. Interpreta pedido	06	01	13	12	01	01
2.4. Conversa com observador	00	02	00	02	00	00
2.5.Chama a criança	01	02	24	02	18	12
Total parcial/verbal	74	45	149	133	200	148
3.1Incentiva realizar atividade	01	08	21	14	18	03
3.2.Reage positivamente	02	02	07	14	02	05
3.3.Mãe sorri	03	11	05	36	02	02
Total parcial/Alto envolvimento	06	21	33	64	22	10
Total de todos comportamentos	234	290	293	426	400	301

Examinando estes resultados, a primeira constatação é de que as mães, de forma geral, foram bastante ativas durante as sessões. Se tirássemos uma média de emissão de comportamentos por minuto em cada sessão (de 10 minutos) veríamos que a mãe menos ativa emitiu em média 7,8 comportamentos por minuto, enquanto a mais ativa emitiu 14 comportamentos por minuto. Porém o que chamou a atenção, em primeiro lugar, foi a baixa ocorrência nas categorias que envolvem comportamentos de alto envolvimento materno (que inclui simultaneamente o comportamento motor e verbal) para todas as participantes. Esse dado pode ser revelador de que a quantidade geral não implica necessariamente em uma interação rica, estimuladora e afetiva para a criança.

Buscou-se, então, a partir das maiores ocorrências, compreender a qualidade dos comportamentos maternos apresentados, sem perder de vista que eles fazem parte de uma

interação. Observou-se, então, que as maiores frequências dos comportamentos maternos registrados se concentraram nas categorias ‘Mãe propicia condição para que a criança desempenhe uma atividade’ e ‘Mãe dá ordem para a criança’, que representam ações maternas (motoras e verbais) que direcionam o comportamento das crianças.

Conclui-se dessa primeira análise que os resultados são contraditórios e que se baseando apenas em categorias descritivas é insuficiente para compreender a complexidade inerente à qualidade das interações mãe-criança. Buscou-se, então, uma organização dos dados que permitisse esse tipo de análise. Para tal foi utilizado o Sistema de Categorias de Análise (Sigolo, 2001) visando uma uniformidade das categorias entre os dados coletados nesta pesquisa e a descrição dos diferentes graus de interatividade e diretividade já existentes na literatura.

De acordo com Sigolo (2001), a diretividade materna é, com frequência, descrita como conceito uniforme na literatura e tem gerado discussões quanto às suas implicações no desenvolvimento infantil. Desse modo, o estudo desenvolvido por esta autora, sobre este conceito, objetivou verificar a presença de comportamentos diretivos em mães de crianças com atraso de desenvolvimento e o significado que esta variável assume no processo interativo.

A categorização feita por Sigolo (2001) é a seguinte:

a) Comportamentos não diretivos (ND): quando a mãe interage com a criança sem a intenção de regular ou dirigir o comportamento ou atividade da criança.

b) Comportamentos diretivos/ ação independente (DAIN): quando a mãe utiliza-se de comportamentos verbais e/ou não-verbais para regular ou dirigir um comportamento ou atividade da criança. Este comportamento abrange os níveis:

b1) diretivo implícito (DI) – quando a mãe incentiva sugere ou convida a criança a realizar/executar a tarefa e/ou atividade;

b2) diretivo explícito (DE) – quando a mãe ordena; requisita algo ou oferece modelo, ou ajuda fisicamente a criança na realização de alguma atividade, tarefa ou ação comportamental.

c) Comportamentos diretivos/ ação dependente (DAD): quando a mãe utiliza meios para assumir totalmente a realização de uma atividade ou, mesmo, para impossibilitar que a criança a realize. Este comportamento abrange os níveis:

c1) diretivo/realização (DR) – quando a mãe realiza a tarefa ou atividade de modo exclusivo, sem requisitar ou incentivar a participação da criança;

c2) diretivo/intrusivo (D-IN) – quando a mãe age abruptamente interrompendo o comportamento da criança, impedindo-a de prosseguir na atividade ou limitando-a fisicamente para que não aja da forma desejada.

Às categorias apresentadas por Sigolo (2001), acrescentou-se mais uma a dos comportamentos não interativos. Isto se deveu ao fato de que, em algumas ocasiões, as

mães eliciaram um comportamento que não correspondia a qualquer interação com a criança, desligando-se da atividade realizada pelo filho ou filha.

Realizou-se, então, um enquadramento dos comportamentos observados, através do uso das categorias descritivas adaptadas do sistema proposto por Sigolo e Biasoli-Alves (1998) neste sistema de análise proposto por Sigolo (2001), anteriormente mencionado, acrescido da categoria não interativo. A Tabela 2 mostra as frequências médias para cada uma dessas categorias após o enquadramento referido.

Tabela 2. Frequências médias das categorias de envolvimento materno.

	Médias					
	Mãe 1	Mãe 2	Mãe 3	Mãe 4	Mãe 5	Mãe 6
Não interativo	0,10	0,05	0,01	0,06	0,01	0,08
Não diretivo	0,42	0,62	0,30	0,40	0,13	0,21
Diretivo implícito	0,13	0,06	0,23	0,20	0,16	0,20
Diretivo explícito	0,24	0,20	0,40	0,28	0,55	0,39
Diretivo-realização	0,04	0,04	0,01	0,02	0,04	0,04
Diretivo-intrusivo	0,08	0,03	0,05	0,04	0,11	0,08
Número de respostas	234	290	293	426	400	301

Como se pôde observar as duas maiores médias alcançadas referem-se aos comportamentos não diretivos, sendo que a maior média apresentada ($M= 0,62$) foi obtida pela mãe 2, seguida pela mãe 1 que obteve $M=0,42$. Estas mães estão entre as que apresentaram as menores frequências da amostra. Entretanto, a não-diretividade das mães não representa que se revele uma baixa participação destas durante as interações, já que a mãe 4 apresentou a terceira maior média ($M= 0,40$) de comportamentos não diretivos, mas obteve a maior frequência de comportamentos de envolvimento durante as observações, que sugere que essas três mães permitiam a realização das tarefas por parte das suas crianças sem a preocupação de dirigir lhes o comportamento.

No que se refere aos comportamentos maternos diretivos verifica-se, nesta tabela, que a maior média ($M=0,55$) alcançada no grupo de categorias que representam tais comportamentos foi obtida pela mãe 5, no grupo de comportamentos diretivos explícitos, a qual apresenta o segundo maior número ($N= 400$) de ocorrências nas categorias de envolvimento. A mãe 3 e a mãe 6 apresentam, respectivamente, a segunda ($M= 0,40$) e terceira ($M=0,39$) maior média de ações maternas diretivas explícitas, sendo estas as que possuem, numa escala crescente, a terceira e quarta posição em termos de ocorrências das categorias de envolvimento materno. O exame das médias obtidas para as demais categorias de comportamentos maternos mencionados nesta tabela não indica diferenças que justificassem destaques.

À primeira vista a tabela 2 parece revelar uma dicotomia das ações de envolvimento materno dessa amostra, partindo-se do princípio que as maiores médias obtidas

representaram uma polarização entre as categorias de comportamento não diretivo e as categorias de comportamentos diretivos explícitos.

Desse modo, buscando evitar uma possível restrição da análise dos dados mencionados na tabela 2, foi elaborada uma terceira tabela na qual foram atribuídos pesos numa ordem crescente de 01 a 06, obtendo assim, médias ponderadas para cada grupo de categorias de envolvimento materno, sendo considerado em uma escala de classificação do menor nível de envolvimento materno para o maior nível de envolvimento materno durante a interação. O grupo de menor peso (peso 1) de comportamentos maternos, está representado pelas ações maternas não interativas e o grupo de maior peso (peso 6) são os comportamentos maternos, representados pelas categorias de comportamentos diretivo-intrusivos.

Como pode ser visto, os dados dispostos na Tabela 3 apresentam um panorama mais diversificado da ocorrência das categorias de envolvimento materno. A mãe 5 apresenta, nesta nova classificação de médias ponderadas, a maior média da amostra na categoria de comportamentos diretivo-implícitos (M=2,20), seguida pela mãe 3 que apresenta (M=1,60) e pela mãe 6 (M=1,56). Esses dados confirmam outros apresentados na literatura (Sigolo, 1986) que apontam para uma maior diretividade de mães de crianças especiais.

Tabela 3. Médias ponderadas das categorias de envolvimento materno

Categorias de Envolvimento	Peso	Médias ponderadas					
		Mãe 1	Mãe 2	Mãe 3	Mãe 4	Mãe 5	Mãe 6
Não interativo	1	0,10	0,05	0,01	0,06	0,01	0,08
Não diretivo	2	0,84	1,24	0,60	0,80	0,26	0,42
Diretivo	3	0,39	0,18	0,69	0,60	0,48	0,60
Diretivo explícito	4	0,96	0,80	1,60	1,12	2,20	1,56
Diretivo realização	5	0,20	0,20	0,05	0,10	0,20	0,20
Diretivo intrusivo	6	0,48	0,18	0,30	0,24	0,66	0,48
Total	X	2,94	2,65	3,25	3,48	3,81	3,34
Número de respostas	X	234	290	290	426	400	301

As categorias de comportamentos não diretivos, que na tabela 2 se apresentavam com grande destaque, aqui atingem pouco mais de 50% dos valores das médias ponderadas alcançadas nas categorias de comportamentos diretivo-implícito, sendo estas apresentadas respectivamente pelas mães 2 (M=1,24), mãe 1 (M=0,84) e mãe 4 com (M=0,80), o que revela uma maior diretividade das mães dessa amostra sem deixar margem para dúvidas.

As médias ponderadas que representam as categorias de ações diretivo-intrusivas foram apresentadas em uma escala decrescente, pela mãe 5 (M=0,66), mãe 1 e mãe 6 com médias semelhantes (M=0,48) o que sugere uma tendência dessa amostra a não permitir às crianças que realizem as atividades quando as mães assumem totalmente a sua realização. Esse dado revela a presença do comportamento materno de inibição da ação da criança.

Outro dado que chama a atenção nesta tabela 3, refere-se às categorias de ações diretivo-realização, que representam o comportamento materno de realizar a atividade em lugar da criança, que nesta tabela foi revelada pela mesma média ponderada ($M=0,20$) obtida igualmente pela mãe 1, mãe 2, mãe 5 e mãe 6.

Posteriormente à análise das tabelas 2 e 3, identificou-se a necessidade de organizar os principais dados obtidos para possibilitar uma melhor interpretação qualitativa das ações maternas interativas, não sendo incluídos os valores das ações maternas de não interação, subtraídos dos valores totais das frequências absolutas e do total das médias ponderadas referentes ao mesmo item. Desse modo foi elaborado um quadro sintético para tal fim, como pode ser visto a seguir. A conjunção de tais dados revela que o foco direcionado para os comportamentos maternos que representam exclusivamente as ações interativas e episódios de alto envolvimento materno, representados na tabela 1 pelas categorias 3.1 (Incentiva realizar atividade), 3.2 (Reage positivamente), 3.3 (Mãe sorri), favorece uma interpretação mais realista de cada mãe participante. A exemplo, disto pode ser visto que a mãe 6 que no computo total de comportamentos emitidos alcançou a terceira posição ($N=301$) entre as seis mães da amostra, perde essa posição para a mãe 3 ($N=293$), que embora possua um número menor de respostas em todas as categorias observadas, possui um número maior de respostas de alto envolvimento ($N=33$).

A mãe 5, que revelou a média ponderada ($M=2,20$) mais alta de comportamentos diretivo-explícitos e de comportamentos diretivo-intrusivos ($M=0,66$), apresentou a terceira maior frequência de episódios de alto envolvimento ($N=22$), o que sugere que apesar da diretividade que inibi a ação da criança, a qual possui um desempenho da linguagem classificado como ruim, ela se expressa afetivamente através de sorriso, de incentivos à criança. Por fim, observa-se que as três maiores médias ponderadas totais foram alcançadas, em ordem crescente de valores pelas mães 6 ($M=3,34$), mãe 4 ($M=3,48$) e 5 ($M=3,81$), cujas crianças componentes da amostra são meninos.

A seguir, para uma melhor compreensão dos dados relacionados nas tabelas e quadro anteriores, reunimos os mesmos de forma sintética, abaixo representados no quadro 3.

UM ESTUDO SOBRE A SENSIBILIDADE MATERNA NA INTERAÇÃO MÃE-CRIANÇA COM NECESSIDADES ESPECIAIS

Quadro 3. Quadro sintético dos resultados

Desempenho da mãe	Mãe 1	Mãe 2	Mãe 3	Mãe 4	Mãe 5	Mãe 6
Freqüência total de respostas interativas	210	275	289	399	396	276
Índice de envolvimento materno	2,94	2.65	3.25	3.48	3.81	3.34
Freqüência de episódios de alto envolvimento	6	21	33	64	22	10
Características da criança						
Idade em meses	36	32	48	48	36	48
Sexo	f	f	f	m	m	m
Desempenho em linguagem	médio	ruim	ruim	bom	ruim	ruim

Os resultados apresentados neste estudo, que abrangem as categorias de envolvimento materno diretivo, cujas maiores médias ponderadas alcançadas são das mães 4, 5 e 6 que têm crianças do sexo masculino, resultados esses que não são coincidentes com os estudos que revelam que as mães de crianças com SD, são mais diretivas com suas filhas do que com seus filhos, sugerindo que esta interação entre a mãe e a filha apresenta um maior controle materno que as interações entre mãe e filho (Roach et al,1998).

Segundo esses autores, tais resultados sugerem que crianças com SD apresentam déficits básicos ao reagirem a eventos ambientais, o que pode levar as mães a se acomodarem aos baixos níveis de excitabilidade dos filhos, gerando um contexto menos estimulador durante a interação, porém mais diretivo nas suas ações com seus filhos.

Também pudemos observar que as mães de crianças com SD fornecem mais ajuda a seus filhos, ou seja, são mais diretivas, dando mais ordens e mostrando mais objetos, exigindo, por outro lado menos vocalizações, o que leva a crer que a mãe molda o seu comportamento às qualidades do desenvolvimento do filho, estabelecendo, assim, maneiras de proceder e interagir com as características da criança. Acredita-se que isso acontece pelo fato da mãe não reconhecer na criança seu potencial de desenvolvimento e, assim, limitar suas iniciativas de interação, passando a ser mais diretiva e controladora.

A natureza das variáveis acessível à observação sugeriu uma concentração nos aspectos de diretividade, na linha explorada por Sigolo (2000) e Landry et al (1994), que embora reconheçam algumas divergências, consideram que há dados consistentes que revelam maior diretividade das mães de crianças DM em comparação com as mães de crianças com DN, quando em interação com suas crianças.

A conclusão de Sigolo (2000) e de Landry et al. (1994) é que, no que se refere ao comportamento materno, as mães de crianças com SD são mais intrusivas e diretivas que as mães de crianças DN. A pesquisa mostra que essa intrusividade e diretividade podem apresentar matizes, ou seja, as mães não são igualmente intrusivas e diretivas podendo

apresentar estilos de comportamento diferenciados, cuja identificação se buscou evidenciar neste trabalho. A importância de se levar em conta tais características encontra-se no fato de que existe variabilidade de uma criança para outra, de uma mãe para outra, na forma e na medida em que ministram e fazem uso de aspectos particulares da interação.

Em função do que foi apresentado, torna-se necessário que os diversos profissionais da área de saúde, e em particular os psicólogos, proponham intervenções que visem atenuar o estado de sofrimento emocional das mães de crianças com necessidades especiais, minimizando seus níveis de ansiedades, frustrações e antecipações negativas sobre o futuro dos seus filhos no que diz respeito ao seu desenvolvimento, favorecendo assim a disponibilidade e o equilíbrio emocional delas na criação dos filhos e filhas.

REFERÊNCIAS

- Bichara, I, D. (1994). *Um estudo etológico da brincadeira de faz-de-conta em crianças de três a sete anos*. Tese de Doutorado não publicada, Universidade de São Paulo.
- Bowlby, J. (1998) *Apego e perda: Apego. Vol. 1* São Paulo: Martins Fontes. (Tradução de Álvaro Cabral, a partir do original de 1969, por The Tavistock Institute of Human Relations).
- Brito, A.M.W., Dessen, A.M. (1999). Crianças surdas e suas famílias: um panorama geral. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, v. 12, n.2.
- Chaprcar, R. S. (1997). Desenvolvimento da linguagem em crianças e adolescentes com Síndrome de Down. In. P. Mekler e B. MacWinney (orgs.), *Compêndio da linguagem da criança*. (pp. 517-533). Porto Alegre. Artes Médicas.
- Cielinski, L. e Hagekull, B., Bohein, G., Person, K., & sedin, G. (1995). *Interaction of mothers and infants born at risk during the first 6 months of correct age*. *Acta Paediatrica*, 86, 864-872.
- Colnago, N. A. S. (1991). *Pares “mães-bebês Síndrome de Down: Um estudo da estimulação e dos aspectos qualitativos da interação*. Dissertação de Mestrado não-publicada. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP”.
- Fischer, M. A. (1987). Mother –child interaction in preverbal children with: Down Syndrome. *Journal of Speech and Hearing Disorders*, 52, 179-190.
- Golberg, S. (1987). In M. H. Bornstein (Ed.), *Maternal Responsiveness: Characteristics and consequences* (pp. 89-105), San Francisco Jossey-Bass.
- Landry, S. H. , Garner, P. W. , Pirie, D. & Swank, P. R. (1994) *Effectes of social context and mothers requesting strategies on Down"s syndrome children social responsiveness development* *Psychology*, 30, 293-302.
- Meiado, A. C. (1998). *O retrato da exclusão: Um estudo de caso sobre a Deficiência Mental Severa no ambiente familiar*. Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP.
- Ribas, A. F. P., Seidl de Moura, M. L. & Ribas, R. C. Jr. (2003). Responsividade maternal: Levantamento bibliográfico e discussão conceitual. *Psicologia: Reflexão & Crítica*, 16(1), 137-145.
- Salomão, N.M.R. (1985) *Maternal speech to their offspring: SLI children and their younger siblings*. *Scandinavian Journal of Logopedics and Phonology*, 19, 11-17 [SciELO].

Salomão, N.M.R. (1996) Interações verbais e não-verbais entre crianças portadoras da Síndrome de Down e entre mães-crianças com desenvolvimento normal. *Estudos de Psicologia* 7(2), p. 311-323.

Salomão, N.M.R. (2005). Adaption of a Downs Syndrome infant. Grieving and maternal attachment. *J. Na Acad Child Psychiatry*. Spring; 17(20): 299-323. (1978).

Seidl de Moura, M. L., & Ribas, A. F. P. (2001). Desenvolvimento e contexto sócio-cultural: a gênese da atividade mediada nas interações iniciais mãe-bebê. *Psicologia: reflexão e Crítica*, 13 (2), 245-256.

Sigolo, S. R. R. L. (1996) Teorias interativas entre mãe e criança com atraso de desenvolvimento: um sistema de análise. *Temas em Psicologia*, 01, 33-43.

Sigolo, S. R. R. L., & Biasoli-Alves, Z.M. M (1998) Análises de dados de Interação mãe-criança construção de sistemas de categoria. Em biasoli-Alves, Z.M.M. e Romanelli, G. (orgs.) *Os Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa*. Legis Summa, Ribeirão Preto. 87-118).

Sigolo, S. R. R. L. (2001) Diretividade materna e socialização de crianças com atraso de desenvolvimento. *Cadernos de Psicologia e Educação Paidéia*, 10, 47-54.